

Aspectos Socioculturais Expressos no Léxico da Língua: uma Análise dos Lexemas *Quilombo* e *Quilombola*

Sociocultural Aspects Expressed in the Language Lexicon: an Analysis of the Lexemes *Quilombo* and *Quilombola*

Ruberval Rodrigues de Sousa*
Ana Claudia Castiglioni**
Karylleila dos Santos Andrade Klinger***

RESUMO

No léxico estão registrados os elementos culturais e sociais de um grupo, e sendo tais elementos dinâmicos, acompanham o processo de transformação social ao longo dos tempos. O objetivo deste estudo é apresentar uma análise a respeito dos significados atribuídos aos lexemas *quilombo* e *quilombola*, observando as definições quando figuram como palavra-entrada e quando são encontrados nos enunciados lexicográficos de outras unidades léxicas, em relação à situação dos negros ao longo da história brasileira. A análise foi feita a partir de consulta aos dicionários Bluteau (1728), Moraes e Silva (1789), Silva Pinto (1832), Ferreira (1975, 1986, 2004, 2010) e Houaiss (2001) e às obras de Senna (1938), Souza (1939), Ramos (1953), Carneiro (1947). Tomamos como fundamentos teórico-metodológicos estudos em Lexicologia e Lexicografia, bem como pesquisas voltadas para o entendimento dos aspectos socioculturais da comunidade negra. O resultado desta investigação evidencia o fato de que a produção lexicográfica existe em uma espécie de simbiose com a questão sociocultural do momento vivido para ser contextualizada e entendida. As questões culturais e sociais interferem diretamente na formação e na utilização do léxico pelos usuários. As várias acepções analisadas, à exceção das definições contidas no Houaiss (2001), que são ressaltadas pela marcação temporal com verbo no tempo passado e o advérbio temporal “outrora”, que remetem e limitam as conceituações a um momento do passado, fornecem ao consulente informações enraizadas em um passado discriminatório e excludente da história, refletidas no léxico brasileiro do português.

Palavras-Chave: Léxico; Lexicografia; Quilombola.

Recebido em 3 de outubro de 2019.

Aceito em 23 de janeiro de 2020.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.336

*Universidade Federal do Tocantins, rubervalrs@gmail.com, orcid.org/0000-0001-5082-3249

**Universidade Federal do Tocantins, anacastiglioni@hotmail.com, orcid.org/0000-0003-4322-2191

***Universidade Federal do Tocantins, karylleila@gmail.com, orcid.org/0000-0001-6920-9206

ABSTRACT

The lexicon registers the cultural and social elements of a group, and these elements, being dynamic, follow the process of social transformation over time. The aim of this paper is to present an analysis regarding the meanings of *quilombo* and *quilombola* lexemes, not only when they appear as word-entry but also when they are found in lexicographic statements, regarding the social conditions situation of black people throughout the Brazilian history. The analysis was based on the dictionaries Bluteau (1728), Moraes e Silva (1789), Silva Pinto (1832), Ferreira (1975, 1986, 2004, 2010) and Houaiss (2001), besides the works of Senna (1938), Souza (1939), Ramos (1953), Carneiro (1947). We considered as theoretical-methodological foundations several studies in Lexicology and Lexicography, as well as researches that aim at understanding the socio-cultural aspects of the black community. The result of this investigation evidences the fact that lexicographic production exists in a kind of symbiosis with the sociocultural issue of the moment lived to be contextualized and understood. The cultural and social issues directly interfere in the formation and utilization of the lexicon by the users. The various meanings analyzed, except for the definitions contained in the Houaiss (2001), which are saved by the temporal marking with a verb in the past tense and the temporal adverbial "formerly", which refer to and limit the conceptualizations to a moment of the past, provide the consultant information rooted in a discriminatory and excludent past of history, reflected in the Brazilian lexicon of Portuguese language.

Keywords: Lexicon; Lexicography; Quilombola.

Introdução

Assim como a sociedade está em constante evolução, as vivências que formam a cultura do seu povo também não são estáticas e demonstram a existência de uma interação entre a cultura e o momento social, interação essa que, unindo o passado e o presente, segue um percurso carregado de significados que acompanham a evolução da sociedade. O léxico, conjunto dos vocábulos de uma língua, reflete essas interações entre língua, cultura e sociedade.

No léxico, estão registrados os elementos culturais e sociais de um grupo, sendo tais elementos dinâmicos, que acompanham o processo de transformação social ao longo dos tempos. Essas transformações são temas de pesquisas que ressaltam, dentre outros aspectos, os reflexos desse fato no léxico da língua. Como defende Isquierdo (1996, p. 91), para se estudar uma língua, é condição *sine qua non* estudar também sua cultura, pois é, nas entranhas da cultura onde residem fatos e informações importantes para a ciência entender e explicar elementos que influenciam no processo de formação da língua portuguesa e seus múltiplos empregos nas diferentes regiões do Brasil.

Neste trabalho, apresentamos o recorte de uma pesquisa que estudou em diversos aspectos as interrelações entre as escolas e a comunidade quilombola (SOUSA, 2017)¹. O objetivo deste artigo é apresentar a investigação desenvolvida a respeito dos significados que envolvem o lexema “quilombo”, suas variações, seus registros, acepções e usos no âmbito de algumas

1 Pesquisa que resultou na tese intitulada “Tradição e cultura - saberes formais e informais: um estudo das interrelações entre as escolas de Muricilândia e a comunidade remanescente de quilombo Dona Juscelina”, desenvolvida por Ruberval Rodrigues de Sousa.

obras. Foram analisadas a ocorrência e as definições dos lexemas quilombo e quilombola nos principais dicionários de língua portuguesa, a começar pela primeira obra lexicográfica da língua, o *Diccionario de Lingua Portugueza* de Raphael Bluteau (1728), de António de Moraes e Silva (1789), seguida das demais obras tão importantes quanto, a de Luiz Maria da Silva Pinto (1832) até os contemporâneos Ferreira (1975, 1986, 2004, 2010) e Houaiss (2001) e nas obras de Senna (1938), Souza (1939), Ramos (1953) e Carneiro (1947).

Para se chegar à análise dos lexemas quilombo e quilombola nos dicionários de língua portuguesa, faz-se necessária uma incursão pelos estudos da Lexicologia e da Lexicografia, de onde virão os fundamentos para um maior entendimento do que é o léxico da língua, da história dos dicionários, da forma como são constituídos, até chegar aos lexemas que serão analisados.

1. O dicionário e suas interações

Os dicionários carregam a dinâmica cultural e social de um povo e, no caso brasileiro, indubitavelmente, desde o período colonial, a cultura brasileira sofreu fortes influências europeias e, apesar disso, no que se refere à Lexicografia, a história dos dicionários em nosso país data do século XVIII e tem o seu marco inicial com a publicação do *Diccionario da Lingua Portugueza*, do primeiro dicionarista brasileiro, António de Moraes Silva, em 1789, o qual contava com aproximadamente 180.000 palavras, fruto de retomadas, revisões e ampliações da obra *Vocabulário Portuguez e Latino*, do padre Raphael Bluteau (1712-1728), conforme Verdelho (2003, p. 4).

É fato que a língua evolui e sofre alterações ao longo do seu processo de formação. Com o tempo, vão surgindo novos vocábulos, significados e sentidos. Outros se perdem e, o prefácio à 5.^a edição do *Dicionário Aurélio* (2010, p. XI), em alusão à importância dos dicionários e suas interações com a cultura e com o momento vivido, interações essas que influenciam na formação do léxico, define: “Uma das principais funções do dicionário, se não a principal, é acompanhar a evolução da língua numa dada época, e registrar-lhe a renovação por meio das palavras e locuções (lexias) ou das formas adotadas pelo uso.” (FERREIRA, 2010, p. XI). Isso reforça o papel da produção lexicográfica no processo de documentação, transformação e evolução da sociedade.

Dentre as muitas acepções para o lexema dicionário usadas por teóricos em pesquisas correlatas, apresentamos a significação usada por Biderman (2006, p. 17-18), a qual afirma que o dicionário “faz uma descrição do vocabulário de uma língua buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura.” Biderman (2006) ressalta o elo existente entre as vivências de um povo e que refletem na formação do seu léxico, cabendo ao dicionário fazer o registro desse léxico. A autora destaca

o dicionário como sendo uma “das mais relevantes instituições da civilização moderna, um produto cultural.” (BIDERMAN, 2006, p. 17).

A língua é um elemento essencial na interação cultural e social do homem com o meio, portanto, é viva, e que não poderia ser considerada como mero acessório no processo comunicacional ou reflexivo. Essa afirmação retoma a hipótese Sapir-Whorf (1949), em que a língua seria uma espécie de mediador da forma como o indivíduo percebe o mundo. A comunidade é o espaço onde esse indivíduo imprime suas vivências, simbologias e significâncias, ou seja, os saberes sensíveis, em torno dos quais cria-se um modo peculiar de vida, chamado por Janotti Júnior (2003, p. 2 *apud* SILVA, 2013) de comunidades sensíveis, nas quais:

[...] os sujeitos partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, [...], manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. É a vivência desses sentidos, através do consumo de determinados objetos culturais, que permite a um indivíduo reconhecer seus pares, [...]; independentemente do território em que esses sentidos se manifestam. (JANOTTI JÚNIOR, 2003, p. 2 *apud* SILVA, 2013, p. 66)

É nesse sentido que os consulentes, ao acessar o dicionário de sua língua, ou até mesmo os dicionários de usos específicos, terão a possibilidade de perceber elementos que fazem parte de sua cultura retratados no léxico, e de poder escolher, dentre muitas acepções, a que melhor se encaixe no contexto do seu discurso, justificando, desta forma, a utilização do dicionário como um instrumento de aprendizado para além da simples conceituação de lexemas, uma vez que se configura como repositório linguístico da comunidade.

Segundo Nunes (2006, p. 43), o dicionário é um instrumento voltado para “compreender o saber linguístico produzido não apenas pela Linguística Moderna, mas por qualquer saber produzido sobre a linguagem humana.” A língua, assim como os dicionários e suas variadas acepções, sintetiza uma compilação histórica de elementos linguísticos que retratam o viés cultural e social dos usuários, reforçando a ideia de que ambos, língua e dicionários, são frutos de interações discursivas entre os seus utentes.

Os dicionários são instrumentos vivos do registro da língua e cultura da sociedade. São instrumentos no estudo das linguagens e principalmente um espaço para o registro sob o viés linguístico da história brasileira.

Em relação ao léxico de uma língua, não há como investiga-lo sem levar em consideração a existência de um elo entre o homem e o universo, o qual produz interações com a realidade vivida, que são retratadas a partir da atribuição de nomes aos seres e objetos que fazem parte de suas vivências, conforme defende Biderman (2001, p. 13): “Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de

conhecimento do universo.” Dessa forma, podemos ver a participação da dinâmica da sociedade na construção do léxico.

Ao discorrer sobre a tríade *língua-sujeito-história*, Nunes (2006, p. 15), sob a égide da Análise do Discurso, argumenta que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo e historicamente [...] os sentidos dos dicionários são considerados na relação indissociável com os sujeitos tomados em seu modo social e histórico de existência.” Tal argumentação reforça o papel dos dicionários, cujas definições refletem a interação da língua com a cultura e a sociedade. Essa defesa do autor confirma o fato de haver, na elaboração dos dicionários, a retomada de definições anteriores, as quais retratam o momento cultural e social de sua época, bem como a ressemantização e a entrada nos dicionários brasileiros de lexemas “novos” coletados por viajantes em suas incursões pelo interior do país, registrando a fauna, a flora, e os diversos povos e vivências, como os registros feitos pelo brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva, sobre a geografia e a cultura brasileiras de então.

Ao descrever a importância do léxico para a apreensão de mundo, o que se justifica pela nomeação da realidade pelo homem, Biderman (1981) define que:

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. (BIDERMAN, 1981, p. 138)

Com base na definição de Biderman, pode-se inferir que o tempo e o momento social são fatores predominantes na organização do léxico, vez que os usos e as acepções dos lexemas produzem conceitos e retratam experiências vividas, tornam-se cultura singular ou comum de um povo, sendo esse o caminho que as permitirá entrar no dicionário e fazer parte da língua formal.

Ao discorrer sobre o assunto, Martinet (1976, p. 191) defende que o léxico é composto por “unidades de primeira articulação ou monemas. Poder-se-ia denominar lexicais todos os monemas que figuram nos dicionários correntes a título de artigo particular, [...] aquilo que vulgarmente chamamos palavras”. É necessário que os consulentes entendam que a definição contida nos dicionários é proveniente de um longo processo de pesquisa acerca dos usos de determinados lexemas, suas diferentes acepções, inclusive sociais, culturais, regionais até que venham a figurar no dicionário da língua, conforme mencionam Xatara *et al.* (2011, p. 110). Nesse sentido, Isquierdo (1996) pondera:

[...] partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também uma cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico

regional pode fornecer ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. (ISQUERDO, 1996, p. 91)

Apoiando-se nessa exposição, sobre o que o estudo do léxico representa historicamente, que a Lexicologia e da Lexicografia serviram como pano de fundo para a realização de uma análise diacrônica de algumas unidades léxicas que constituem o campo lexical dos lexemas quilombo e quilombola desde as suas entradas no dicionário.

2. Quilombo e quilombola: os significados legitimados

Como já explicitado anteriormente é próprio da língua a interação com a cultura e a sociedade. Ressaltou-se que a visão de mundo das pessoas sobre a realidade depende do sistema linguístico no qual esteja inserida (SAPIR, 1949; BIDERMAN, 2001). Deste modo, fica evidenciado que o léxico retrata e reproduz a cultura do seu povo em um tempo determinado.

Considerando que as conceituações trazidas pelos dicionários tendem a refletir o que se passa na cultura e na sociedade dos usuários do léxico em dado momento, o que se espera com essa análise diacrônica é compreender as definições atribuídas à algumas unidades léxicas do campo lexical de quilombo nos dicionários de língua portuguesa ao longo dos séculos, a partir das obras lexicográficas do Padre Raphael Bluteau (1712-1728), passando por António de Moraes Silva (1789), Luiz Maria da Silva Pinto (1832) até os contemporâneos Aurélio (1975, 1986, 2004, 2010) e Houaiss (2001).

Para o recorte feito neste trabalho, entendemos como campo lexical “conjuntos de palavras (ou sintagmas, ou lexias) que se agrupam para significar uma determinada experiência: criação de uma técnica, designação de uma atividade prática ou racional.” (GENOUVRIER; PEYTARD, 1973, p. 326). Comungando da mesma opinião de Coseriu (1977, p. 146), Vilela (1994, p. 33) defende que o campo lexical é o “paradigma constituído pela repartição de um contínuo de conteúdo (lexical) por diferentes unidades da língua – os lexemas -, unidades que se opõem entre si por traços mínimos de conteúdo – os semas.”

A colocação de Biderman (1981) a seguir já serve como demonstração prática de que as interações existentes entre as palavras estabelecem o seu campo lexical ou semântico na estruturação dos discursos:

[...] a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. A experiência cotidiana comprova a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados, de tal forma que quando queremos lembrar de um vocabulário, desencadeia-se um processo que nos fornece, normalmente em série, várias palavras que integram um mesmo subsistema léxico ou então, um determinado campo semântico. (BIDERMAN, 1981, p. 144)

As acepções dicionarizadas para os lexemas em questão neste trabalho, desde o período colonial brasileiro, reforçam a interação da realidade vivida na estruturação do léxico e se materializa no discurso dos usuários, conforme defendido por teóricos como Sapir (1949), Isquierdo (1996) e Biderman (2001). Assim, a realidade vivida no Brasil sempre foi permeada pela participação negra, mas muitos elementos de sua cultura não apareçam na cultura e na língua portuguesa do Brasil.

Antes de se analisar a representação dos lexemas quilombo e quilombola já inseridos na língua portuguesa, torna-se necessário observá-los em sua origem, uma vez que os elementos culturais permaneceram vivos nos escravizados que continuam associados e reproduzindo a sua cultura de origem mesmo em terras estrangeiras.

A língua é um dos principais veículos da cultura de um indivíduo, e seus discursos carregam as marcas de suas vivências. Kabengele Munanga (1995), natural do Congo e falante nativo de idioma, de origem banto, fala sobre a origem da lexia quilombo na obra *Origem e histórico do quilombo na África*. O autor ratifica o que dizem alguns teóricos acerca da interação entre língua e cultura. Ele explica que, na África, a lexia quilombo tem a noção de associação de homens, onde os membros, sem qualquer distinção de filiação ou linhagem, eram submetidos a rituais dramáticos de iniciação, os quais eram confinados em locais de acessos restritos, para prepará-los e inseri-los na vida adulta, e sendo desvinculados de suas linhagens originais, eram transformados em fortes guerreiros (MUNANGA, 1995).

Munanga (1995) ensina que a lexia *kilombo* (na forma aportuguesada *quilombo*) tem origem nos povos de língua da família banto (*bantus*), termo esse que, em muitas línguas, significa “homens”, originária do tronco *protobanto* falado três a quatro mil anos, e refere-se aos rituais de iniciação de jovens na vida adulta. Eles eram transformados em corajosos guerreiros e aptos para o casamento. Antes desse ritual, os jovens eram considerados assexuados e viviam sob a égide de suas linhagens (MUNANGA, 1995; BLEEK, 1862).

Munanga (1995) e Bleek (1862) relatam ainda a existência de evidências linguísticas do povo mundombe de língua umbundu,² do século XIX, que defendem que quilombo refere-se ao local onde era realizado o ritual de iniciação dos jovens. Já na língua umbundu moderna, a raiz – *lombo*, de origem ovimbundu, dá sustentação às palavras *ocilombo*, que refere-se ao fluxo de sangue de um pênis recém-circuncidado, *eulombo*, que denomina um remédio preparado com o sangue e o prepúcio dos iniciados em ritos que não são descritos.

A viagem desses lexemas da África para o Brasil é fruto dessa miscigenação forçada através da diáspora africana. Vale ressaltar aqui a mistura de culturas dos povos africanos

2 Segundo o Dicionário Aurélio (2010, p. 2112): [Do umb] S. 2g. 1. *Etnon*. Indivíduo dos umbundus, um dos povos bantos do centro de Angola. S. m. 2. Gloss. A língua falada pelos umbundus, pertencente ao grupo banto: 3. Vocábulo dessa língua. Adj. 2g. 4 Pertencente ou relativo aos umbundus, ou à sua língua.

de diversas regiões e culturas, como o povo *lunda*, *imbangala*, *mbundu*, *kongo*, *ovimbundu* etc., retirados de maneira forçada de duas regiões da África subsaariana, a região banto e a região oeste-africana ou “sudanesa”. Tais regiões reúnem cerca de 300 línguas com origens e características comuns ou próximas espalhadas por 21 países. Esses povos, trazidos para as américas, a maior parte para o Brasil, e passaram a influenciar a formação do léxico brasileiro com suas línguas nativas (CASTRO, 1997; QUEIROZ, 2002).

Outro ponto destacado por Castro (1997, p. 3) é a variedade de línguas que são aparentadas e todas originárias de uma mesma família, a Niger-Congo, que se referem as de origem banto; e as da família *kwa*, em referência às línguas oeste-africana ou “sudanesas”. Desta forma, a autora reforça as influências africanas na língua portuguesa do Brasil. Ainda, de acordo com Castro (1997, p. 4), a questão linguística é um reforço “da participação do negro-africano como personagem falante no desenrolar dos acontecimentos e procurar entender os fatos relevantes de ordem socioeconômica [...]”. Isso ratifica a ideia da influência dos negros e dos seus descendentes na formação da língua e da cultura brasileiras.

Seria impossível que a mistura de culturas e os modos de vida tão diferentes não influenciassem a formação do léxico brasileiro, uma vez que a língua é fruto de vivências e, mesmo que os africanos tenham sido extirpados dos seus lugares de origem, trouxeram consigo as suas raízes, língua e conhecimento, que passaram a interagir com as características locais, dando início a vários dialetos pelo Brasil, sendo um processo de ressignificações do léxico e da cultura brasileiros (CASTRO, 1976).

Feita a ambientação dos lexemas quilombo e quilombola na cultura africana, passa-se a análise em relação na língua portuguesa. Como ponto de partida para essa análise, toma-se como referência a definição contida no *Diccionario de lingua portugueza*, de Bluteau (1712-1728). No prólogo da sua primeira edição o padre Raphael Bluteau (1712-1728) defende as vertentes europeia e latina da língua. Entretanto, justifica não se aprofundar muito nas particularidades da versão latina do léxico, deixando-as a cargo de pesquisadores latinos, sinalizando que versão latina da língua portuguesa – o português falado no Brasil, poderia vir a afetar a pureza da língua do colonizador, privilegiando a vertente vernácula da língua. Talvez, em razão disto, os lexemas quilombo ou outra lexia do seu campo lexical não figurem nesta edição do dicionário.

Entretanto, o brasileiro António de Moraes Silva (1789), responsável por dar continuidade à obra lexicográfica de Bluteau, reformá-la e acrescentá-la, imprimindo-lhe características e percepções da cultura brasileira, na sua ampliação da obra, fez com que elementos da cultura brasileira figurassem oficialmente no seu léxico. Essa edição com publicações complementares do dicionário, trazia, na identificação da obra, a autoria principal como sendo de Bluteau e com colaborações de António de Moraes Silva.

Apesar da contribuição brasileira, o lexema *quilombo* ainda não consta como palavra-entrada na macroestrutura, mas aparece nos enunciados definitórios dos verbetes *calhambola*, *mocama'os* e *mocambos*.

CALHAMBOLA: s. c. o escravo, ou escrava que fugio, e anda amontado, vivendo em quilombos: he termo usado no Brasil. Ord. Colecc. Ao L. 4. T. 47. N. I^o. (*Sic*).

MOCAMA'OS: s. m. pl. negros fugidos no Brasil, que vivem pelos matos em quilombos, aliás, calhambolas.

MOCAMBOS: s. m pl. quilombos ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da razão do Estado do Brasil por D. Diogo de Menezes em 1612. (BLUTEAU, 1789, p. 88 – tomo segundo)

Como observa-se nas três vezes em que a lexia *quilombo* ocorre no dicionário, não aparece como palavra-entrada, mas compoendo a definição. Nessa edição, há a referência à pessoa escravizada que fugira e/ou refere-se ao local de habitação/esconderijo para esses fugitivos, reforçando a ideia de que o lexema tem acepções negativas ao padrão dominante e somente se aplica na língua portuguesa do Brasil. Sobre as lexias em questão, Castro (2001) registra seus significados:

MOCAMBO (banto) (°BR) –s.m. (arcaico) esconderijo de escravos na floresta, equivalente a quilombo; choça, palhoça, casebre; cerrado de mato ou moita onde se esconde o gado Var. mucambo. Kik. mukambo, refúgio, esconderijo; topônimo muito comum no Brasil.

QUILOMBE(I)RO (FB) (°BR) –s.m. habitante de quilombo + Port. –eiro.

QUILOMBO (banto) 1.(°BR) –s.m. povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no séc. XVII., sob a chefia de Ganga Zumba e Zumbi. Kik./Kimb. kilombo, aldeamento. 2. (°BR) –s.m. auto popular figurando escravos fugidos que lutam pela posse da rainha, mas terminam derrotados e vencidos como escravos.

QUILOMBOLA (banto) (°BR) -s.m. escravo refugiado. Kik./Kimb. Kilomboli. (CASTRO, 2001, p. 285 e 324)

Como outros autores, Castro (2001) também traz acepções voltadas a esconderijo, moradia, e conceitua ato popular, que representa uma luta onde escravos fugidos terminam vencidos e novamente escravizados. Além disso, ele amplia a definição de quilombo como povoação de escravos fugitivos e complementa a significação do lexema dando ideia de refúgio.

Na segunda edição ampliada do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, em 1813, cujo único autor é Moraes, a lexia *quilombo* que, na edição passada, contara com três ocorrências, nesta, além de figurar na definição do lexema *mocambo*, consta como palavra-entrada do dicionário, colocando o lexema oficialmente à disposição dos falantes da língua, relacionando-o, desta forma, com o período social e histórico do país naquele momento.

Cabe destacar aqui que as versões anteriores do mencionado dicionário, mesmo após a morte de Bluteau, continuavam limitadas às ideias do seu idealizador, ou seja, priorizavam a vertente europeia da língua portuguesa. A edição de 1813, de António de Moraes Silva, deixou de lado não apenas o nome de Bluteau como autor da obra, mas também implantou a versão latina da língua, mais especificamente, a língua portuguesa brasileira como celeiro para novas entradas no dicionário, inserindo a cultura afro-brasileira no registro oficial do léxico. A partir de então, o consulente, ao pesquisar no dicionário de Língua Portuguesa, encontrará para o lexema quilombo a seguinte definição: “Quilómbo: s.m (usado no Brasil) a casa feita no mato, ou ermo, onde vivem os calhambolas, ou escravos fugidos. Ord. Collecção ao L. 4 T. 47n. I.” (SILVA, 1813, p. 217). Essa definição remete o usuário, indubitavelmente, a uma relação com lugar, morada.

A outra ocorrência que envolve o lexema em questão é a conceituação de *mocambo*, que é apresentado como sinônimo de quilombo e foi ampliada em relação à publicação anterior:

“Mocambo: s. m. Quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil. Manuscrito da Razão do Estado do Brasil, por D. Diogo de Menezes, em 1612. § Qualquer choça, ou palhoçzinha no Brasil, para habitação, ou se recolherem os que vigião lavouras.” (Sic) (MORAES, 1813, p. 307).

Como é possível observar o lexema *mocambo* ganhou mais uma acepção, trazendo um conceito atribuído à moradia quando faz uso do recurso da definição sinonímica para elucidar o significado: “choça ou palhocinha”, duas unidades léxicas cujos conceitos apresentados estão associados à habitação pobre ou miserável. Apesar de não estar diretamente ligada a questão negra, esse tipo de definição leva o consulente a estabelecer uma relação entre a população negra e desfavoráveis condições socioeconômicas.

O lexicógrafo Luiz Maria da Silva Pinto, originário da Província de Goyaz, autor do *Diccionario da lingua brasileira*, publicado em 1832, trouxe a seguinte definição para *quilombo*: “s. m. No Brasil, he a pousada, ou aposento onde se recolhem em sociedade no mato os pretos fugitivos, a que chamão calhambolas” (Pinto, 1832, p. 879). Comparando com as definições de *quilombo* nos dicionários do século XVIII, essa é bem reduzido, uma vez que, em todas as alterações e publicações do *Diccionario da lingua portugeza*, de Bluteau (1728) e de Moraes (1789), feitas neste século, o lexema em questão aparece apenas como complemento de significado em entradas de outras unidades léxicas. Somente passou compor a nomenclatura na atualização da obra feita por Moraes e publicada no ano de 1813, onde o lexema aparece duas vezes, uma na definição de *mocambo* e outra como verbete principal, como já descrito anteriormente.

Pinto (1832, p. 186) define *calhambola* como: “adj. Pen. 1. No Brasil se diz do preto escravo fugido que anda pelo mato em quilombos ou quadrilhas” atribuindo a

acepção sinonímica de quadrilha para também definir quilombo, sem que ocorra ainda o aportuguesamento do lexema como se tem hoje.

Já Mendonça (1972, p. 164) descreve *quilombo* como sendo “Povoação fortificada dos negros fugidos ao cativo”. Apesar de não estar figurando em um dicionário, essa significação destoa da grande maioria das publicações existentes sobre o tema, sendo uma conceituação que contraria a hegemonia europeia presente na maioria das definições de lexemas de origem africana de obras lexicográficas do Brasil, onde a referência a escravo fugido não tem carga semântica negativa, uma vez que o verbo da oração expressa fuga como sendo um passo para a liberdade da vida de escravizado.

Era comum que os lexicógrafos, após analisarem as recentes publicações dos dicionários, publicarem complementos acerca de lexemas de uso corrente, mas que não foram dicionarizados. Assim, em 1853, Braz da Costa Rubim, do Rio de Janeiro, responsável pelo Vocabulário Brasileiro – para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, traz a lexia “quilombola, negro fugido no mato” (RUBIM, 1853, p. 65). A defesa feita por Rubim (1853) quanto ao uso da unidade léxica *quilombola* nos discursos correntes da época encontra sustentação quando se recorre aos registros da expedição etnográfica pelo Brasil, entre 1821 e 1828, do acadêmico russo Langsdorff, organizada por Guenrikh Guenrikhovitch Manizer.³ Verifica-se a ocorrência da lexia *quilombola* ao que o etnógrafo descreveu: “trata-se de negros escravos que se escondiam na mata e construíam suas colônias independentes, chamadas quilombos” (MANIZER, Fl. I, p. 375).

A unidade lexical *calhambola*, forma adjetivada do lexema em estudo, seria fruto de distorções linguísticas provenientes das interações linguísticas dos diversos grupos étnicos que compunham os falantes da língua. Segundo Senna (1926 *apud* SOUZA, 1939, p. 335), “como os escravos pretos fugiam para o quilombo, veio a se formar o hibridismo áfrico-tupi quilombola, fusão do termo africano quilombo e do sufixo tupi – porá ou borá (alterado para bola), que significa morador.” Eis as razões de se encontrar os lexemas *caiambola*, *caiambora*, *calhambola* ou *carambola*, mas permanecera o hibridismo quilombola, em uso até os dias atuais.

A oitava edição do *Dicionário Moraes* (1889, p. 217), traz, nas descrições dos verbetes “Aquilombádo, adj. (t. do Brazil) Que vivia em quilombo; que estava refugiado em quilombo”; “Aquilombar, V. trans. (t. do Brazil) Reunir em quilombo escravos fugidos”; e a forma verbal “Aquilombar-se, V. ref. (t. do Brazil) Refugiar-se, ocultar-se o escravo em quilombo.” Em função da abolição da escravatura, ressalta “Não havendo já escravos no Brazil esta palavra

3 Guenrikh Guenrikhovitch Manizer trata da expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil, 1821-1828, obra com tradução de Osvaldo Peralva, lançada pela Editora Nacional em 1948. (Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/117/A-expedicao-do-academico-G-I-Langsdorff-ao-Brasil-1821-1828>>).

e as duas anteriores só podem hoje ter uma aplicação retrospectiva, romantica ou histórica” (sic), como se ali estivesse o marco final da necessidade de associação ao significado de “fuga”, característica comum a todas as definições dicionarizadas para lexia *quilombo*.

No *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, Cunha (2012, p. 541), preservando acepções de outros autores, descreve a lexia *quilombo* como sendo: “SM, valhacouto de escravos fugidos’ XVI. Do quimb. *Ki’lomo* ‘povoação’ ||quilombola SM. ‘designação comum aos escravos refugiados em quilombos’ 1855. Parece tratar-se de cruzamento de *quilombo* com *CANHEMBORA*.” Nesse caso, o diferencial está na definição *povoação*, uma lexia mais próxima da significação atribuída atualmente pela comunidade negra.

No *Dicionário Houaiss* (2001) ocorrem três entradas para a lexia *quilombo*, trazendo as acepções de casa, refúgio no mato de escravos fugidos, de cidade situada no estado de Santa Catarina e de uma serra no Estado de Minas Gerais, as duas últimas se referindo ao topônimo Quilombo. Sobre a lexia *quilombola*: “S. m. e f. Bras. Escravo ou escrava, outrora refugiado em quilombos.” Houaiss difere-se dos demais lexicógrafos pelo emprego do advérbio *outrora*, levando o consulente a entender que a definição não se aplica aos dias atuais como queria a ressalva no dicionário de Moraes, publicada em 1889, logo após o período escravagista, quando tais lexias deveriam ser empregadas apenas como referência a um período que havia terminado, o da escravidão no Brasil.

O *Dicionário Aurélio*, vem rebuscando o texto de suas definições em alguns pontos das lexias *quilombo* e *quilombola*, porém, vem mantendo o significado retratado ainda no século XVIII, quando a realidade vivida era completamente diferente. Segundo o *Dicionário Aurélio* (2010), *quilombo* significa:

Do quimbundo, quicongo e umbundo *lumbu*, ‘muro’, ‘paliçada’, donde *kilumbu*, ‘recinto murado’, ‘campo de guerra’, ‘povoação’, ou do umbundo *kilombo*, ‘associação guerreira’.] S. m. 1. Bras. Angol. Esconderijo, aldeia, cidade ou conjunto de povoações em que abrigavam escravos fugidos: “A palavra ‘*quilombo*’ teria o destino de ser usada em várias acepções, a mais famosa delas a de habitação de escravos fugidos, em Angola, e a desses refúgios e dos estados que deles surgiram no Brasil.” (Alberto da Costa e Silva, *A Enxada e a Lança*, p. 507.) [Cf. *mocambo* (1).] 2. Bras. Estado de tipo africano formado, nos sertões brasileiros por escravos fugidos. 3. Bras. Folcl. Folguedo, usado no interior de AL durante o Natal, em que dois grupos numerosos, figurando negros fugidos e índios, vestidos a caráter e armados de compridas espadas e terçados, lutam pela posse da rainha índia, acabando a função pela derrota dos negros vendidos aos espectadores como escravos; toré, torém. Quilombo dos Palmares. Quilombo (1) construído de negros fugidos, os quais, no séc. XVII, se estabeleceram no interior de AL, formando um estado. [Tb. Se diz apenas *Palmares*. (FERREIRA, 2010, p. 1758)

Para *quilombola*, o *Dicionário Aurélio* (2010, p. 1758) traz a seguinte definição: “S. m. Bras. Designação comum aos escravos refugiados em quilombos; calhambola, calhambora,

nanhambora, canhambora. [CF. *mocamau*.] ” Nesse caso, a definição se dá com a ausência da marcação do tempo passado no enunciado lexicográfico, o que apontaria ao consulente que essa significação não se aplica atualmente. Há também a complementação de sentido provocada pela remissiva. Ao observar o conceito atribuído à lexia *mocamau*, na mesma obra, nota-se a referência a escravo fugido, mas, nesse caso é apontado com o verbo no tempo passado “vivia”: “Escravo fugido, que vivia em mocambos; mocambeiro, macamã. [Cf. *quilombola*.]”. Da forma como é constituído, o verbete reproduz e preserva as acepções antigas, que refletiam a prevalência da conceituação exógena dos lexemas carregadas de semantismo negativo, apresentando uma visão do quilombo como refúgio do escravo subversivo.

O registro das lexias *quilombo* e *quilombola*, nas obras lexicográficas atuais, remetem os consulentes a uma realidade ligada ao período escravagista, como se este não tivesse terminado, ou como se os lexemas em questão não precisassem acompanhar as mudanças da cultura vigente. O término da escravidão oficial no Brasil não deveria apagar os vocábulos que criou e que foram inseridos no léxico do país, como se eles fossem algo cristalizado. Contudo, há que se destacar a diacronia da língua que exige a ressemantização de algumas terminologias para as adequarem ao contexto atual, evitando que o seu emprego, na forma não ressemantizada, cause equívocos de significado.

Consultando a legislação brasileira, art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) as unidades lexicais *quilombo* e *quilombola*, no que tange à definição, é limitadora, pois requerem especificidades que não se aplicariam à maioria das comunidades negras rurais ou terras de pretos espalhadas pelo país (ARRUTI, 2006, p. 65). Essas divergências impostas pelas definições atemporais dos lexemas em questão causam, como consequência, dificuldades no reconhecimento dos seus direitos como remanescente de quilombos ou como quilombolas, evidenciando a importância do registro, da renovação e da adequação do léxico através do tempo.

A argumentação do autor, comparada com a terminologia empregada no artigo 68 do ADCT, impõe-se como um dificultador dos processos de identificação das comunidades remanescentes de quilombos pelo país, além de reforçar o caráter dinâmico da língua e a sua necessidade de renovação, de ampliação do campo semântico de alguns vocábulos, de uma (re)contextualização das significações, para que façam sentido sem causar imbróglios no entendimento em contextos temporais diversos. A atualização dessas definições está relacionada ao fato de os africanos e/ou os seus descendentes sempre foram quase a metade da população brasileira no período colonial. Em 1798, o Brasil tinha 3.250.000 habitantes, sendo que 1.361.000 eram escravos trazidos da costa da África. Em 1818, o número de habitantes era de 3.817.000, e dessas, 1.729 eram escravos africanos, segundo Souza (1939).

É natural e esperado que tenham ocorrido muitos hibridismos na formação do léxico brasileiro, já que quase metade da população trazia uma carga linguística e cultural africana. A presença de marcas dessa mistura no português do Brasil deveria ser ainda maior, o que não se deu devido à população negra ser colocada à parte na sociedade, sem muito espaço de manifestação (HOUAISS, 1985).

Objetivando conhecer o percurso da lexia *quilombo* face às evoluções culturais e sociais que influenciaram o léxico brasileiro, para investigar a entrada na produção lexicográfica brasileira desde o século XVIII, tornou-se necessário adentrar na parte europeia da língua portuguesa que, durante alguns anos, influenciou sobremaneira a linguística brasileira. As lexias *quilombo* e *quilombola* são as representações das vivências de uma época no Brasil, onde pessoas escravizadas foram coisificadas e obrigadas a construir a história do país, sem que isso significasse ter direito a figurar como parte dela.

Considerações finais

A partir de Bluteau (1712-1728), Moraes (1789), Pinto (1932), Senna (1938), Souza (1939), Ramos (1953), Carneiro (1947), Aurélio (1975, 1986, 1999, 2004, 2010) e Houaiss (2001), por meio dos registros da produção lexicográfica da língua portuguesa, embora por um tempo, apesar do uso corrente dos discursos de falantes do português no Brasil, os negros, em função de sua posição social no país, do período colonial até à república, foram invisibilizados ou simplesmente tiveram negado o acesso à vida social e, essa condição pode ser observada ao se constatar que vocábulos que retratavam esse grupo social (os africanos e seus descendentes), naqueles períodos, não figuraram como verbetes nos dicionários da língua portuguesa da época até Moraes (1813) os inserir como palavra-entrada em sua obra, ou, quando figuravam, tinham o conceito ligado à escravidão.

Cabe reforçar que, até os dias atuais, os afrodescendentes encontram resistências para a sua inserção social, e isso fica evidenciado quando se analisa a história brasileira de um modo geral. A participação do negro parece ficar relegada às margens da sociedade, que reforça as desigualdades entre negros e brancos no Brasil, como denunciam Munanga e Gomes (2006, p. 172):

O abismo racial brasileiro existe, de fato, e são as pesquisas e estatísticas que comparam as condições de vida, emprego, escolaridade entre negros e brancos que comprovam a existência da grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular os negros.

Munanga e Gomes (2006) ressaltam as diferenças que caracterizam o negro e o não negro na sociedade atual, e defendem que essas diferenças são construções sociais, culturais e

políticas. Assim sendo, os conceitos atribuídos pelos dicionários acabam legitimando um lugar inferior ao negro na sociedade atual, uma vez que estas obras são construídas conscientemente em um contexto histórico, social e político, contribuindo, assim, para instituir a segregação entre negros e brancos na sociedade.

O resultado desta investigação evidencia o fato de que a produção lexicográfica existe em uma espécie de simbiose com a questão sociocultural do momento vivido para ser contextualizada e entendida. As questões culturais e sociais interferem diretamente na formação e na utilização do léxico pelos usuários. As várias acepções das lexias *quilombo* e *quilombola*, à exceção das definições contidas no Dicionário Houaiss, que são ressalvadas pela marcação temporal com verbo no tempo passado e o advérbio temporal “outrora”, que remetem e limitam as conceituações a um momento do passado, fornecem ao consulente informações enraizadas em um passado discriminatório e excludente.

Apesar da evolução da cultura da sociedade, que fornece base para a formação da língua a partir dos discursos dos usuários, desde a sua entrada no léxico, as definições dos lexemas *quilombo* e *quilombola* sofreram poucas variações e se perpetuaram ao longo dos séculos com significados quase que estritamente voltados para a ideia de fuga, de subversão e, em consequência disso, de inferioridade da raça negra escravizada.

Reforçados pelos movimentos sociais negros e pelos debates, desde a abolição da escravidão, o povo negro e os seus descendentes alcançaram algumas vitórias. Os significados relacionados às lexias *quilombo* e *quilombola*, empregadas nos dicionários e dispositivos legais parecem dificultar o cumprimento dos direitos das comunidades tradicionais, dando início a uma luta pela ressemantização das lexias mencionadas para *remanescente de quilombos* na tentativa de evitar que estas pessoas tenham mais direitos cerceados do que já tiveram ao longo da história brasileira.

Referências bibliográficas

ARRUTI, J. M. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru, SP: Edusc, 2006.

BIDERMAN, M. T. C. **Dicionário didático de português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Ciência e Cultura**, v. 58, p. 35-37, 2006.

_____. A estrutura mental do léxico. **Estudos de Filologia e Linguística**. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p. 131-145.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

_____. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLEEK, W. H. I. A. **Comparative grammar of South African languages**. Cape Town: Juta/ London: Trübner, 1862-1869.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v., 2 supl.

CARNEIRO, É. **O Quilombo dos Palmares, 1630-1695**. São Paulo: Brasiliense, 1947.

CASTRO, Y. P. Antropologia e lingüística nos estudos afro-brasileiros. **Afro-Ásia** 12. Salvador: UFBA, 1976.

_____. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

_____. Línguas africanas com objeto de estudo e ensino no Brasil. **Lusorama**, Berlin: p. 52 - 60, 1997.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1977.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Novo dicionário AURÉLIO da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. **Novo dicionário AURÉLIO da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

_____. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GENOUVRIER, E.; PEYTARD, J. **Linguística e Ensino do Português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

MARQUES, C. E.; GOMES L. A Constituição de 1988 e a ressignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 28, n. 81, p. 137-153, 2013.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

_____. **O português do Brasil**: pequena enciclopédia da cultura brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

- ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. 409 f. Tese (Doutorado em Letras). UNESP, Araraquara-SP, 1996.
- JANOTTI JUNIOR, J. S. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte, 2003.
- MANIZER, G. G. **A expedição do acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828)**. Tradução de Osvaldo Peralva. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1948.
- MARTINET, A. **Conceitos fundamentais da Linguística**. São Paulo: Martins Fontes. 1976.
- MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- MUNANGA, K. GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2016.
- MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, v. 28, p. 56-64, 1995.
- NUNES, J. H. **Dicionários do Brasil: análise e história**. Campinas: Pontes, 2006.
- PINTO, L. M. da S. **Dicionário da Língua Brasileira (1832)**. Edição Facsimilada. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura; Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central: Centro de Cultura Goiana, 1996.
- QUEIROZ, S. Remanescentes culturais africanos no Brasil. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. Alteridades em Questão. UFMG. v. 9, p. 48-60, 2002.
- RAMOS, A. **O negro na civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1953.
- RUBIM, B. da C. **Vocabulário brasileiro** (para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa). Rio de Janeiro: Empresa Typographica Dous de Dezembro, de Paula Brito, 1853.
- SAPIR, E. **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.
- SENNA, N de. A distribuição geográfica das tribus indígenas do Brasil: sua ethnogenia. **Revista do Archivo Publico Mineiro**. Anno XXV, p. 157-176, 1938.
- SENNA, N. de. Nótulas sobre a toponímia geográfica brasílico-indígena em Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. v.20, 1926.
- SILVA, A. de M. **Dicionário da língua portuguesa** composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por António de Moraes Silva. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2v.
- SILVA, A. de M. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Lisboa: Na Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, A. de M. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Empresa Litteraria Fluminense, 1889.

SOUSA, R. R. de. **Tradição e cultura - saberes formais e informais: um estudo das interrelações entre as escolas de Muricilândia e a comunidade remanescente de quilombo Dona Juscelina**. Tese (Doutorado em Ensino de Línguas e Literatura) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, Araguaína, 2017, 196 f.

SILVA, V. C. **E-jovens, e-músicas, e-educações: fronteiras dilatadas e diálogos cruzados na era das conexões**. (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, 2013, 156 f.

SOUZA, B. J. de. **Dicionário da terra e da gente do Brasil**. 4. ed. da “Onomástica Geral da Geografia Brasileira”. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

VERDELHO, T. O dicionário de Morais Silva e o início da lexicografia moderna. **História da Língua e História da Gramática** - actas do encontro. Braga: Universidade do Minho, ILCH, 2003, p. 473-490.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

XATARA C.; BEVILACQUA, C. R. e HUMBLÉ, P. R. M. **Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.